

FATOS E NOTAS

SANTOS QUE JOSÉ BONIFÁCIO CONHECEU (*).

A infância e a juventude formam às vèzes tênues fragmentos de uma grande vida. Sugeriram-nos esta reflexão os primeiros 20 anos de José Bonifácio repartidos da maneira seguinte: 14 anos em Santos, 3 em São Paulo e quase outros 3 na côrte do Rio de Janeiro.

Sem dúvida foi consagrada aos estudos a maior parte dêsse tempo. Mas, para vermos bem de perto o estudante, recompondo o passado, que elementos existirão? Afigura-se-nos que os biógrafos ainda não os pesquisaram suficientemente. No entanto, como êles nos seriam úteis! E quão edificantes! Cumpre-nos pois esperar pelos estudiosos do assunto.

Acha-se dividida em dois períodos a permanência de José Bonifácio, o Patriarca, na sua terra natal. Pertence o primeiro ao século XVIII e vai do seu nascimento, em 1763, até 1777, quando da sua partida para São Paulo, a fim de iniciar os estudos de preparatórios. Toca o segundo ao século XIX, isto é, corresponde ao tempo em que o grande Andrada esteve em Santos nos anos de 1819 a 1820. A vila colonial dos sonhos da juventude, e depois da idade madura a dos idílios da política, a das largas elocubrações do cientista e do sábio!

Desenrolando dois documentos cartográficos daquelas centúrias, um de 1797 e o outro de 1822, deparamos no mais antigo uma vila de ruas estreitas e becos solitários, acocorada rente ao mar. Morros ao fundo; à esquerda o Valongo, até a chácara do padre João Cardoso; à direita a zona dos quartéis até defrontar com o sítio Bexiguentos. Seguiam-se a êste, beijando o canal da barra mais os sítios Guarurú Mirim, Caldeireiro, e por fim o tão falado Outeirinhos, onde o mais célebre dos Andradas sonhava concluir os seus dias gloriosos como simples roceiro, de jaleco e bombachas! Eis aí os acanhados limites da vida de Santos. Uma pequena fortaleza denominada de Monte Serrat, sete templos, quatro capelas, inclusive a que se achava bem no alto de um morro e ali se abria, cândida como a corola de uma rosa branca. No interior irradiava

(*) . — Palestra proferida ao microfone da Rádio Atlântica de Santos, em 30 de abril de 1963 (Nota da Redação).

a sua glória Nossa Senhora do Monte. O prédio, que foi do colégio dos jesuítas, o Arsenal de Marinha, a Casa do Trem bélico, a Câmara e Cadeia com o pelourinho, a Alfândega, constituíam os principais edifícios.

A água era escassa. A rigor só havia uma fonte que denominavam do Itororó para o abastecimento da população. Nas águas espelhantes do largo estuário fronteiro à vila, entravam de quando em quando embarcações comerciais de dois ou três mastros, com velas pandas bem presas nêles. Pertenciam à Navegação Costeira. Eram só e só em número de cinco ou seis as que por ano vinham da metrópole. Exultara Franca e Horta ao conseguir certa vez aumentar o seu número para 15. Mas isso ocorreria no século XIX.

As terras da ilha de Santo Amaro e as do outro lado do rio da Bertioga vicejavam em arrozais e outras plantações, mostrando o grande amor dos nossos antigos pela agricultura.

Quando José Bonifácio embarcou para Coimbra, a população da vila de Brás Cubas era de 3.123 habitantes. Pouco havia aumentado 15 anos após. Assim, em 1799 era calculada em 3.372 habitantes. Tornava-se apreciável a porcentagem de negros e mulatos no total da população. Nesse recenseamento apareciam apenas 1.001 brancos, os restantes 2.371, eram pretos e pardos. A população crescia vagarosa. No ano da Independência, pouco depois de chegar José Bonifácio do velho mundo, era orçada em 4.822 almas.

O elemento servil coalhava quase sempre as ruas da vila. Eram negros vendedores de aves, negras que ofereciam castiçais de latão e outros objetos de uso doméstico; pertenciam à mesma raça quase todos os barbeiros, sapateiros e até carpinteiros e pedreiros.

Nos castigos dos negros, a ferocidade dos feitores manifestava-se não raro com requintes de crueldade. Não teria José Bonifácio presenciado pelo menos duas ou três de tais cenas? O seu horror ao escravismo nos leva a supor que sim.

Na paisagem social da vila, afora as cenas da escravidão, outros fatos mereciam também ser postos em relêvo. Em 1820, por exemplo, o Senado da Câmara se compunha de 4 vereadores; a presidência cabia ao juiz de fora. Desempenhava então este alto cargo o dr. José Correia Pacheco e Silva, um ilustre ituano, formado em direito pela Universidade de Coimbra, 8 anos antes. Partidário da Independência, durante a estada de José Bonifácio em Santos, êles constantemente se encontravam. Tornaram-se amigos.

Na mesma época, naquela conturbada quadra da vida do país, exercia as funções de pároco ou vigário de Santos o padre José Antônio da Silva Barbosa e foi êle quem a 25 de novembro do referido ano assistiu ao casamento de Martim Francisco com sua sobrinha Gabriela Frederica, filha de José Bonifácio. Presidiu ainda as comemorações religiosas levadas a efeito por motivo da Independência. Figurou enfim o seu nome entre os signatários da constituição do Império.

Na intimidade dos colóquios de José Bonifácio vivia também, na mesma ocasião, Antônio Cândido Xavier de Carvalho e Souza, escrivão da Alfândega e filho do marechal de campo Cândido Xavier de Almeida e Souza. Casava o funcionário aduaneiro logo em seguida, com uma sobrinha do Patriarca.

Quando teve de ser substituído o govêrno de São Paulo, formado em 1821, não se esqueceu o Patriarca dos amigos de Santos. Ficava assim constituído o nôvo govêrno: o Bispo D. Mateus de Abreu Pereira (êste prelado, consignou Cândido Mendes, no seu **Direito Civil Eclesiástico brasileiro**, muito concorredora para a Independência do Brasil); o Ouvidor Geral da Capitania, José Correia Pacheco e Silva; o Marechal de campo, Cândido Xavier de Almeida e Souza.

Nessas nomeações, feitas aliás por carta régia de 25 de junho de 1822, não havia quem não percebesse o dedo gigantesco do Patriarca. Santos estava presente na formação do govêrno! Santos que José Bonifácio conhecia! Santos de sua convivência e da sua confiança! Santos, suprema glória da Pátria!

COSTA E SILVA SOBRINHO

Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santos